

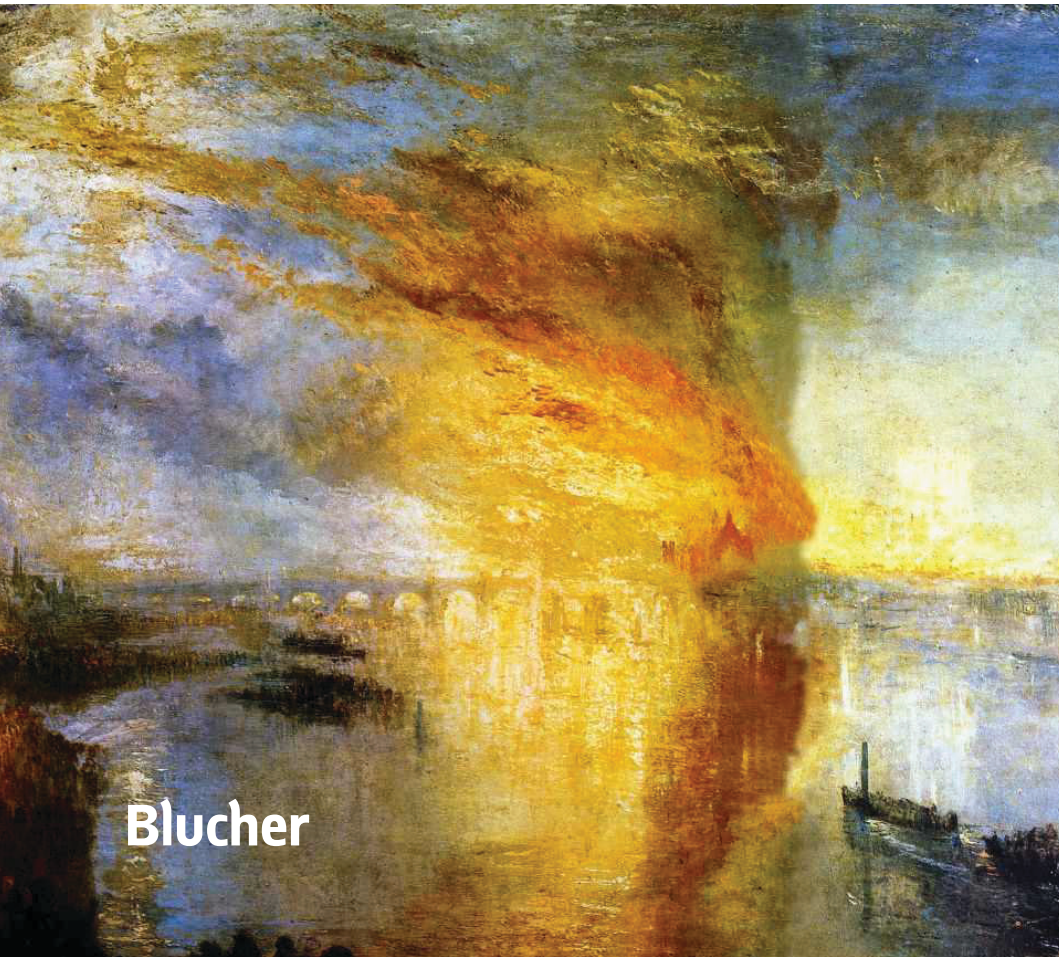
Organizadoras

Marta Rezende Cardoso

Mônica Kother Macedo

Silvia Abu-Jamra Zornig

Figuras do extremo



Blucher

FIGURAS DO EXTREMO

Organizadoras

Marta Rezende Cardoso

Mônica Kother Macedo

Silvia Abu-Jamra Zornig

Figuras do extremo

© 2023 Marta Rezende Cardoso, Mônica Kother Macedo, Sílvia Abu-Jamra Zornig (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Kedma Marques

Diagramação Thaís Pereira

Capa Leandro Cunha

Preparação de texto Andrea Stahel

Revisão de texto Samira Panini

Imagem da capa *The Burning of the Houses of Parliament*, de J. M. W. Turner (1835). Óleo sobre tela, 92,7 x 123 cm

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Figuras do extremo / organizado por Marta Rezende Cardoso, Mônica Kother Macedo, Sílvia Abu-Jamra Zornig. – São Paulo: Blucher, 2022.

258 p. (Coleção Psicanálise Contemporânea)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-399-8 (impresso)

ISBN 978-65-5506-395-0 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Sociedade I. Cardoso, Marta Rezende II. Macedo, Mônica Kother III. Zornig, Sílvia Abu-Jamra

22-5500

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação 9

Marta Rezende Cardoso

Mônica Kother Macedo

Silvia Abu-Jamra Zornig

PARTE I. Extremo e “mal-estar”

1. A civilização posta à prova da violência: violência e exclusão 21

François Marty

2. Subjetivação, governabilidade e trauma na pandemia do
coronavírus: sobre os estados psíquicos extremos 33

Joel Birman

3. Os negacionismos e a desresponsabilização: *um*
Brasil contra a civilização 49
Daniel Kupermann
4. Novo retorno do traumático na psicanálise hoje:
além do mal-estar? 65
Marta Rezende Cardoso
5. (Des)subjetivação, migração e refúgio:
reflexões psicanalíticas 85
Cristiano Dal Forno
Rita de Cássia dos Santos Canabarro
Mônica Kother Macedo

PARTE II. Extremo e convocação do corpo

6. Lugar da doença grave no tratamento psicanalítico 109
François Pommier
7. Maternidade: da crise traumática à dimensão do extremo 125
Diana Borschiver Adesse
Marta Rezende Cardoso
8. Automutilações na adolescência: reflexões sobre
o corpo e o tempo 145
Natália de Oliveira de Paula Cidade
Silvia Abu-Jamra Zornig

PARTE III. O extremo na clínica

9. Clínica do sexual extremo	177
<i>Vincent Estellon</i>	
10. A radicalidade da experiência psicótica	191
<i>Flávio Ferraz</i>	
11. Decifro-me ou me devoro: dor psíquica e autodestrutividade	207
<i>Mônica Kother Macedo</i>	
12. Quando o brincar perde sua função de transicionalidade: reflexões acerca do impacto da violência na constituição psíquica	229
<i>Silvia Abu-Jamra Zornig</i>	
Sobre os autores	251

1. A civilização posta à prova da violência: violência e exclusão¹⁻²

François Marty

Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon
(Abepps)

Todos descendemos de uma longa linhagem de assassinos.

Freud (1915)

A violência faz parte da vida. A violência constitui sua energia e, por essa razão, precisa ser orientada. De fato, a violência é cega e sua força tanto pode destruir quanto se colocar a serviço da criatividade. Renunciando à satisfação primária para visar a outros objetivos mais elevados, a cultura dá ao homem os recursos para construir a si mesmo. Entretanto, esse trabalho tem um custo que, para alguns, é proibitivo. É preciso de fato ter adquirido a capacidade de tolerar a frustração para aceitar adiar seu prazer e pretender minorar sua onipotência para se aliar com os outros. A fragilidade narcísica, ao contrário, empurra sempre para diante a

1 Conferência realizada no Colóquio Internacional “A dimensão do extremo na subjetividade”, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e pela PUC-Rio em 3 de dezembro de 2021.

2 Artigo publicado anteriormente em: Marty, F. (Org.) *Violences. Une passion de détruire*. Paris: InPress, 2020.

necessidade de destruir o outro, vivido como ameaça. A civilização é frágil e demanda a máxima vigilância para evitar que a lei do talião tome a dianteira. Adotar a divisa de “cada um por si e Deus por todos” favorece o retraimento identitário e acentua as aspirações nacionalistas e xenofóbicas, em detrimento da busca de soluções de solidariedade.

A violência originária

Os grandes relatos míticos falam das origens, do longo caminho que o homem teve que percorrer para se humanizar, e a história que contam pode ser escutada como resposta a uma pergunta que nunca seria colocada. Interpretar um mito então remeteria a encontrar a pergunta à qual o mito responde (Dumézil, 1968, 1971, 1973).

A Ilíada e *a Odisseia* fazem parte desses grandes textos que relatam elevados feitos de homens mortais ou de semideuses cujas explorações datam de vários milênios. As divindades, onipresentes, intervêm sem cessar no destino desses homens, mas, assim como os humanos, dão livre curso a suas paixões, rivalizam entre elas, fazem explodir sua cólera, mas também protegem os heróis. Os poemas de Homero às vezes fazem referência a fatos históricos que pensamos que existiram de verdade, como a cidade de Troia e sua destruição. Às vezes esses poemas retomam lendas transmitidas de geração em geração. Esses relatos nos dão, a distância, notícias de nós mesmos, como se essas histórias fossem as de hoje em dia, histórias intemporais, profundamente humanas.

No livro das Origens (Gênesis), outro texto fundador da cultura, se assim o é, Abraão nos revela o testemunho de sua fé em Deus e de seu amor por seu filho Isaac, que, entretanto, ele se dispõe a sacrificar. Tal devoção a Deus, tal abnegação, não são recompensadas por Abel, que seu irmão mais velho, Caim, mata por ciúme. Esse

assassinato originário, cometido por um dos primeiros homens, marca para sempre todos os seus descendentes com esse selo da violência atuada e do assassinato como solução ante a inveja e o medo de perder o amor do outro. Como em toda história de filiação, a de Caim e Abel é atrelada à problemática parental, em que já se produz a transgressão do interdito (o fruto proibido), como se conhecer fosse o mesmo que transgredir. Abel e Caim encarnam essa dualidade humana do Bem e do Mal, e, desde a origem, fica claro que a saída do conflito entre os dois não é evidente. E, no entanto, a Divindade parece perdoar o criminoso que reconhece seu crime: condena-o ao exílio, mas lhe permite ter prole numerosa, da qual todos nós somos o resultado (Trigano, 1997, 83-101).

A *Iliada* é um discurso sobre a guerra, no qual “só a força conta” (Vidal-Naquet, 1975, p. 25), quando não é de furor que se trata. As façanhas dos heróis os mostram dotados de força sobre-humana com a qual destroem tudo o que encontram em seu caminho. Assim, Aquiles, nos Cantos XX e XXI, mata cruelmente os troianos que encontra, antes de lutar contra Heitor e matá-lo, o inimigo que dele roubou seu amigo Pátroclo. Ele arrasta seu cadáver atrás de seu carro e lhe recusa os funerais a que faria jus por sua posição hierárquica. Tais cenas são descritas por Homero com pormenores suficientes para que o leitor possa se dar conta da violência extrema dos combates, muito além da agressividade necessária para vencer o inimigo, para vingar o amigo amado, muito mais do que a honra exigiria. Há verdadeiro desencadear de violência, o que fez com que a filósofa Simone Weil (1941) dissesse que a *Iliada* é o poema da força e que aqueles que aí são submetidos não são vencedores nem vencidos. “O poder que ela tem de transformar os homens em coisas é duplo e é exercido dos dois lados; deixa diversamente paralisadas, embora na mesma medida, as almas daqueles que o sofrem e as dos outros que o exercem” (Weil, 1941, p. 71). Todos terminam morrendo. O próprio Aquiles também acaba perecendo. Na *Iliada*,

disfarçada como vingança pela honra ultrajada, é a destrutividade que está em ação. Helena – mulher de Menelau – é sequestrada pelo troiano Páris, filho de Príamo, rei de Troia e irmão de Heitor. Esse sequestro da bela Helena é que está na origem da guerra de Troia. Porém, à medida que avança o relato da *Ilíada*, a causa dessa guerra entre gregos e troianos parece afastar-se da libertação de Helena. Ela já não parece ser o objeto dos combates, já não representa coisa alguma que estivesse em jogo. O que os aqueus querem são todos os bens, toda a riqueza de Troia. Igualmente, após uma série de reviravoltas, a vitória dos gregos, graças à astúcia de Ulisses e à força de Aquiles, não presume nem impõe a destruição da cidade. A força substituiu a honra, a violência substituiu a razão. É porque os homens a empregam sem limites que a força se torna seu próprio senhor e os subjuga. A força os dessubjetiva. Esse sentimento destaca com tanto mais força na *Ilíada* a circunstância de que Homero nunca toma partido nem de um nem do outro: ele descreve as cenas de violência cheio de ressentimento, como se já lamentasse tamanha destruição. É como se – sem nunca dizer isso – Homero nos mostrasse que, apesar das boas intenções de cada um desses heróis, sua cegueira e o amor que dedicam ao emprego sem limites da força, exatamente em nome dos valores que defendem, os conduzissem à sua perda. Como se tudo isso não servisse para nada, não sendo senão lamentações sem fim. O relato da guerra que Homero nos traz não constitui uma experiência heroica, mas mostra, ao contrário, que a guerra avilta o homem porque o obriga a matar.

O uso imoderado da força conduz à morte, tanto daquele que submete o outro a esse excesso quanto daquele que dessa maneira é submetido por ela. Escrito em 1941, o comentário que Simone Weil nos oferece do texto de Homero nos faz pensar sobre a barbárie, os crimes extremos, os extermínios, os genocídios, assim como sobre os crimes mais comuns, se podemos falar assim. Além de qualquer consideração guerreira, os crimes de massa não se explicam pela

necessidade de vencer o inimigo. Não têm nenhuma justificação racional, apenas revelam a paixão pela morte, além até mesmo do ódio pelo outro. A destruição de Troia, que não era necessária para o triunfo dos gregos, é a expressão desse desejo irreprimível de morte.

Em *Por que a guerra?* (1933/1985), Freud considera que somente a cultura visa a ser obstáculo para a barbárie, somente o desenvolvimento de laços afetivos entre os membros de uma comunidade pode vencer a violência. “A pulsão de morte se torna pulsão de destruição ao se voltar, por meio de órgãos específicos, em direção ao exterior, contra os objetos. O ser vivo preserva, por assim dizer, sua própria vida destruindo a de outrem” (Freud, 1933/1985). Somente o pacifismo poderá conseguir, no longo prazo, erradicar a guerra. Nesse sentido Simone Weil está de acordo com Freud, invertendo o adágio “se queres a paz, prepara a guerra” e propondo, em vez disso, “se queres a paz, prepara a paz”.

Na guerra que opõe gregos a troianos, a cólera de Aquiles toma a dimensão de fúria devastadora³ até o assassinato sem piedade de Heitor. Caim mata Abel sem dizer nada. Nesses casos, trata-se de uma vingança, mas a violência de sua execução faz explodir a loucura destruidora que subjaz a ela. Disfarçada em justificação da legitimidade, a sanção disfarça mal o júbilo que a acompanha e deixa de lado o recurso à instância de uma justiça que faria o papel de terceiro. Aqui é o reino do acerto de contas, a lei de talião de preferência ao recurso à justiça, seja humana ou divina. Não há espaço para o perdão. Além mesmo dessa ideia de autojustificação do ato criminoso, trata-se de uma negação do outro como semelhante. A violência exprime uma negativa de alteridade. Aos olhos de seus carrascos, a vítima perde seu estatuto de humano, são arrancados,

3 Faz pensar num outro herói da mitologia grega, Hércules. Seu furor se assemelha ao dos epiléticos. Como tal, seria expressão de um desejo de morte infanticida proveniente dos pais (Neyraut Sutterman, 1982). Hércules é filho de Hera e de Zeus, e vai pagar o preço da luta incessante entre os pais (Marty, 1987).

são substituídos por um número tatuado em seu corpo como se se tratasse do gado vulgar. Essa perda do limite do reconhecimento do outro como um outro si mesmo dá livre curso a todos os horrendos tratamentos a que um humano pode submeter outro humano, que, daí por diante, aos olhos do carrasco já não é um humano. O outro é dessubjetivado porque a violência exercida contra ele já não se refere a ele. A violência não tem outro objeto senão seu próprio desencadeamento. Não visa a alguém, não está ligada a seja o que for senão à sua própria força. A violência destrutiva está a serviço de pulsões parciais, especialmente crueldade e sadismo, que só conhecem como limite sua própria satisfação. Consequentemente, o outro é apenas o objeto dessa satisfação.

O que a *Iliada* nos ensina é que a força e sua liberação sem reservas não são suficientes à realização do humano; ao contrário: contribuem para sua queda. A via da descarga é curta: se rapidamente apazigua as tensões, fracassa quanto a transformar a violência e apenas leva a perpetuá-la. Porque, quando a violência toma o lugar do conflito, é preciso restaurar a qualquer custo o trabalho psíquico, aquele que se apoia na capacidade de esperar, de pensar, para orientar essa força em direção a um objetivo criador de laços. A *Iliada* é uma ode à violência de morte; a *Odisseia*, à violência de vida.

Figuras contemporâneas da violência

Ainda hoje, a alguns milênios desses relatos antigos, a violência ressoa e propõe as mesmas questões. Então não teríamos aprendido nada a partir de Homero? O homem ainda é um perigo para o homem? Por sua barbárie ameaça o edifício tão frágil e, entretanto, tão necessário que constitui a cultura? A ameaça está sempre presente. Os assassinatos de massa, a guerra, o terrorismo, ainda estão aí. As violências institucionais e familiares, a exclusão

também. Toda violência gera violência. À violência do sequestro de Helena pelos troianos respondem a violência dos gregos, a barbárie e a morte.

Hoje em dia violências mais cotidianas, aparentemente mais anódinas, fraturam o espaço social. Alguns se sentem excluídos da sociedade. A violência da exclusão gera a violência dos excluídos. Quando decide acelerar a transição energética facilitando a compra de veículos elétricos, um governo condena aqueles que são mais dependentes desse modo de deslocamento a se excluírem do sistema de mercado, porque são pobres demais para comprar um veículo elétrico e sofrem em cheio o aumento da tarifa dos combustíveis de origem fóssil. Sua exclusão os impele a reagir violentamente contra todas as insígnias do poder. O motor disso é seu desespero, seu desamparo! Na França os chamados “coletes amarelos” manifestaram com violência esse sentimento de exclusão destruindo os símbolos da República (em especial as estátuas do Arco do Triunfo no *Champs Élysées*), incendiando lojas de luxo, como se já não se sentissem reconhecidos como parte integrante da sociedade. Não tendo mais nada a perder porque tinham perdido tudo, sobretudo sua dignidade, eles se tornam incontrolláveis, percebidos pelos outros como párias.

Num mundo destituído de governança, criam-se espaços livres para as ditaduras. A democracia aí é ridicularizada e os regimes autoritários fazem então sua doutrinação por meio de seus métodos supostamente eficazes ante os diversos perigos que os ameaçam. A revolta das oposições é retumbante e alimenta manifestações que reclamam a liberdade, em especial a liberdade de expressão. Entretanto, no lugar do debate o que há é o aprisionamento, quando não o assassinato programado dos opositores, que se torna habitual, e o modo de tratamento desse sofrimento coletivo, tanto a busca do poder e sua manutenção por parte daqueles que o detêm ultrapassam para os tiranos a preocupação com o bem-estar dos povos. O

espírito de coletividade se apaga em favor da defesa dos direitos – muitas vezes dos abusos – pessoais e dos partidários. Apesar da história recente dos campos de extermínio, dos *gulags*, o nacionalismo e o fanatismo religioso com muita frequência se opõem a qualquer perspectiva coletiva, direcionada para a coexistência de pontos de vista diferentes. O desprezo pela razão e pelos modelos das ciências cede inteiramente seu espaço às *fake news* e à arbitrariedade de uma informação que não passa de uma síntese de opiniões cuja pertinência nunca é demonstrada. A defesa da grandeza e do poder de uma nação passa a fazer as vezes de política. Nesse mundo desregulado, daí por diante é fácil mentir impunemente sobre tudo, é possível fazer votar leis complacentes em favor das multinacionais e em detrimento da saúde e do interesse de todos. Na escala de um bairro, o ódio pelo outro conduz à violência dos bandos rivais em defesa, até a morte, de um território imaginário. Coloca-se a questão da ausência de limite, como se daqui em diante o Estado de Direito tivesse dado lugar a uma espécie de lei da selva, organizando o desaparecimento de qualquer dimensão de um terceiro, simbólico.

O analfabetismo cedeu o espaço ao analfeletronismo, neologismo que designa a extrema dificuldade que determinados utilizadores experimentam para fazer funcionar corretamente um computador, ou para usar as funcionalidades básicas de um telefone celular, ou seus aplicativos mais habituais. Fala-se de fratura digital para dar conta desse fenômeno contemporâneo que afeta cerca de 20% da população ativa na França, e não apenas os mais desvalidos no plano social e cultural, mas também os responsáveis por estabelecimentos comerciais com cerca de 50 anos de idade e que não tiveram acesso à cultura do virtual e se sentem ultrapassados pela tecnologia desse universo. Essas pessoas se sentem excluídas do sistema e continuam a trabalhar com métodos antigos que as conduzem à perda de tempo com as tarefas, que as esgotam

num trabalho fastidioso que as outras confiam a *softwares* eficazes. Em consequência, são perdedoras sob todos os pontos de vista: perdem sua clientela e experienciam um sentimento de injustiça diante de concorrentes que consideram privilegiados por terem acesso à tecnologia moderna. É como se não conseguissem adaptar-se à nova realidade de um mundo governado por algoritmos, em que é possível ter acesso a todos os tipos de informação em tempo recorde, comunicar-se com quem quer que seja no mundo inteiro. O sofrimento dessas pessoas consiste em se sentir excluídas do mundo, e a solução que adotam muitas vezes é rejeitar aquilo que não conseguem assimilar. É quase a mesma coisa que acontece com aquelas e aqueles que se recusam a tomar a vacina que lhes é dito que deveriam tomar. A obrigação vacinal e a depravação das informações que a acompanha parecem-lhes uma intrusão em seu espaço privado e exacerbam o sentimento de uma exclusão para aqueles e aquelas que vivenciam essa obrigação como constrangimento insuportável, como um ato totalitário a entravar sua liberdade, inclusive sua liberdade de expressão. As informações às vezes contraditórias são ouvidas como falsas informações, talvez mesmo como desinformação, alimentando nelas o pavor de estarem sendo manipuladas. Será que tudo isso não terá sido organizado pelos laboratórios farmacêuticos visando apenas a aumentar seus lucros?

Essas são algumas das figuras contemporâneas da violência mostrando até que ponto nossa sociedade se tornou narcísica: o outro desaparece para dar lugar à onipotência de um Eu tornado megalomaniaco, a não ser que seja a retirada identitária que alimenta todas as fantasias da perseguição, da vingança, da intolerância. A fragilidade narcísico-identitária daqueles que se percebem a si mesmos como párias banidos da sociedade os conduz ao agir. Sua violência faz eco à violência a que estão submetidos.

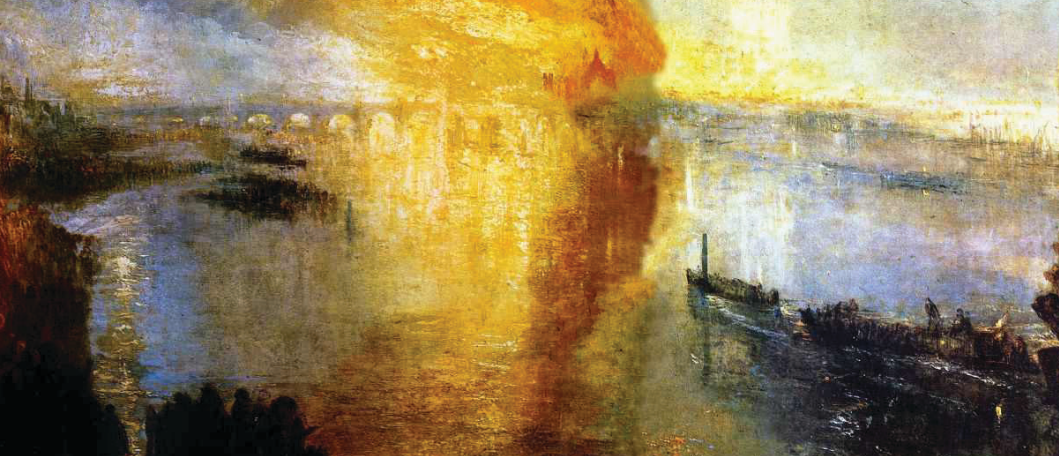
Quando o sentimento de insegurança cresce na sociedade, cresce também o risco de apelar à autoridade num regime

democrático, que conseqüentemente se torna menos democrático, de apelar ao controle dos indivíduos e à restrição das liberdades para proteger aquelas e aqueles que a partir de então se sentem ameaçados pelo caráter desenfreado da violência. O homem providencial se torna o único recurso viável e é a este e somente a este que são remetidas as chaves da casa. Para o melhor e para o pior.

Sob todas as suas formas, em todos os seus estados, a violência se torna tanto um problema da sociedade quanto um problema do controle da atividade pulsional individual. Sempre existiu e sempre existirá, porquanto a violência é ligada à vida. Entretanto, parece que a ação dos homens de boa vontade não é suficiente para combatê-la. Como, por conseguinte, alcançar o triunfo da vida sobre a destrutividade e a morte? Não está aí importante desafio das nossas sociedades contemporâneas e, em especial, um fardo que vai pesar sobre as próximas gerações? Não existe vida sem conflito; mas a exclusão dos menos favorecidos, como a expulsão para fora de nossas fronteiras dos imigrantes que buscam escapar de sua própria miséria, não vai consertar nada das desigualdades que só fazem crescer entre os povos. O nacionalismo tem sido uma resposta ao sentimento de sermos invadidos por populações que vêm de outros lugares. Sabemos bem para onde isso nos tem conduzido. Essa fantasia conhece hoje em dia um retorno de atualidade com o pavor da “grande substituição”, como se uma população imigrante pudesse impor sua lei aos nativos e excluí-los por sua vez do jogo social, econômico e político. Mesmo que esse movimento não seja descartado – já vimos isso acontecer mais de uma vez na História –, será que não estamos vendo nessa fantasia de eliminação uma projeção do medo do outro estrangeiro e da vontade de matá-lo que se volta contra si mesmo, num funcionamento de tipo paranoico em que “não sou eu, é o outro que é hostil a mim”?

Referências

- Dumézil, G. (1968). *Mythe et Épopée: L'Idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens*. Paris: Gallimard.
- Dumézil, G. (1971). *Types épiques indo-européens: un héros, un sorcier, un roi*. Paris: Gallimard.
- Dumézil, G. (1973). *Histoires romaines*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1915, 16 de fevereiro). Nous (juifs) et la mort (conferência apresentada na Bné Breith de Viena, publicada par Bernard Nitzchke em Die Zeit n. 30 em 20 de julho de 1990, citada par Jacques Hassoun em Caïn. Paris: Autrement, 1997).
- Freud, S. (1985). Pourquoi la guerre? In S. Freud, *Résultats, idées, problèmes II*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1933).
- Marty, F. (1987). *Hercule ou la colère des dieux*. *Adolescence*, 7(1), 189-196.
- Neyraut Sutterman, T. (1982). Héraclès et l'épilepsie. *Revue française de Psychanalyse*, 46(4), 851-855.
- Trigano, S. (1997). Caïn et Abel. In J. Hassoun (Dir.), *Caïn* (pp. 83-101). Paris: Autrement.
- Vidal-Naquet, P. (1975). L'Iliade sans travesti, Préface. In *Homère, Iliade* (pp. 5-32). Paris: Gallimard.
- Weil, S. (2014). *L'Iliade ou le poème de la force*. Paris: Éditions de l'éclat. (Trabalho original publicado em 1941).



Em dezembro de 2021, em plena vigência das limitações impostas pela pandemia da Covid 19, o Colóquio Internacional “A dimensão do extremo na vida subjetiva” com a participação de pesquisadores de universidades brasileiras e francesas. A partir dos desdobramentos dessas profícuas reflexões sobre a dimensão do extremo em psicanálise nasceu este livro. A questão do transbordamento traumático, da vulnerabilidade psíquica na organização social, política e econômica contemporâneas, marca presença na escrita dos autores.

Com esta obra pretende-se estimular a continuidade da investigação e do debate acerca das figuras do extremo na vida subjetiva, no plano individual e coletivo, visando a uma compreensão depurada sobre o problema do mal-estar na atualidade.

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. **Flávio Ferraz**

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-399-8



9 786555 063998



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Figuras do extremo

Marta Rezende Cardoso, Mônica Kother Macedo, Silvia Abu-Jamra Zornig

ISBN: 9786555063998

Páginas: 258

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
